

Região registrou, em cinco anos, 142 novos casos de hanseníase



DIAGNÓSTICO. Prefeituras da região oferecem serviços gratuitos de testagem e tratamento da hanseníase: 142 casos foram identificados desde 2018

Região registrou, em cinco anos, 142 novos casos de hanseníase

DIAGNÓSTICOS DE HANSENÍASE NA REGIÃO

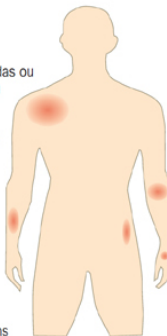
	2018	2019	2020	2021	2022
Santo André	3	14	6	3	3
São Bernardo	11	19	6	11	11
Diadema	4	4	4	6	13
Mauá	3	2	3	7	3
Ribeirão Pires	0	5	1	0	0
GRANDE ABC	21	44	20	27	30

Fonte: Prefeituras

SAIBA MAIS

Principais sintomas:

- Manchas esbranquiçadas, avermelhadas ou amarronzadas pelo corpo, com perda ou alteração de sensibilidade térmica, tátil e à dor;
- Áreas com diminuição dos pelos e do suor;
- Dor e sensação de choque, formigamento, fisgadas e agulhadas ao longo dos nervos dos braços e das pernas;
- Inchaço de mãos e pés;
- Diminuição de sensibilidade ou força muscular da face, mãos e pés, devido à inflamação de nervos, que podem estar engrossados e doloridos;
- Úlceras de pernas e pés;
- Carões (nódulos) no corpo, em alguns casos avermelhados e dolorosos;
- Febre, edemas e dor nas articulações;
- Entupimento, sangramento, ferida e ressecamento do nariz;
- Ressecamento nos olhos.



Diagnóstico:

■ Clínico e epidemiológico, realizado por meio de exame geral e dermatoneurológico para identificar lesões ou áreas de pele com alteração de sensibilidade ou comprometimento de nervos periféricos, com alterações sensitivas, motoras ou autonômicas.

Transmissão:

■ Ocorre quando uma pessoa com hanseníase, na forma infectante da doença, sem tratamento, elimina o bacilo para o meio exterior, infectando outras pessoas suscetíveis. A via de eliminação do bacilo são as vias aéreas superiores (mucosa nasal e orofaríngea), por meio de contato próximo e prolongado.

Tratamento:

■ O SUS (Sistema Único de Saúde) disponibiliza tratamento e acompanhamento da doença nas UBSs (Unidades Básicas de Saúde). A classificação operacional da doença – Paucibacilar ou Multibacilar – determina o tratamento adequado.

Diagnósticos caíram 32% entre 2019 e 2022; especialista diz que queda foi artificial, por falta de testagem

JOYCE CUNHA
joycecunha@dgabc.com.br

Municípios do Grande ABC registraram, entre 2018 e 2022, 142 diagnósticos de hanseníase, doença infecciosa e contagiosa causada por uma bactéria. Neste período, a maior quantidade de casos identificados ocorreu em 2019, ano pré-pandemia, com 44 ocorrências. O número de resultados positivos para testes aplicados em unidades de saúde de Santo André, São Bernardo, Diadema, Mauá e Ribeirão Pires caiu pela metade em 2020, para 20 diagnósticos, com aumento discreto desde então – 27 notificações em 2021 e 30 no último ano. São Caetano e Rio Grande da Serra não forneceram dados.

Acompanhando tendência nacional e global, a redução de novos casos de hanseníase na região não reflete a diminuição de incidência da doença. “A gente teve uma queda brusca por causa da pandemia, no Brasil e no mundo. Em alguns lugares com queda de 40% a 50% dos casos. Isso é uma queda artificial, porque na verdade o atendimento não aconteceu como deveria, já que estavam todos voltados à Co-

vid-19”, explica o dermatologista Egon Daxbacher, coordenador do Departamento de Hanseníase da SBD (Sociedade Brasileira de Dermatologia).

De acordo com boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, o Brasil registrou, em 2019, 27.864 casos da doença, o que colocou o País como o segundo do mundo em incidência da hanseníase, atrás apenas da Índia. As características da infecção, a estrutura do sistema público de saúde, o preconceito e a falta de informação estão entre os desafios para o combate à doença.

“O Brasil tem extensão territorial grande, com rede de atenção diversificada em qualidade. Isso dificulta o combate à doença. Temos áreas hiperendêmicas, com muitos casos e transmissão ativa, como no Nordeste, Norte e Centro-Oeste, e áreas de baixa endemia, como Sudeste e Sul. Quanto mais baixa a endemia, mais difícil de captar a doença, pois sabemos que ela vai ficando esquecida, os casos são mais difíceis de encontrar, o que gera atraso de diagnóstico”, avalia o dermatologista.

As prefeituras disponibilizam serviços gratuitos de testagem, tratamento e acompanhamento. A doença tem cura. Nos últimos cinco anos, as unidades de saúde de Santo André, São Bernardo, Mauá e Ribeirão Pires registraram 87 pacientes recuperados.

“Quanto maiores os esforços para identificar a doença rapidamente, mais benefícios vamos trazer para o indivíduo que está doente e para conviventes domiciliares, que têm maior risco de adoecimento, pelo contato próximo prolongado”, pontua Daxbacher. “Campanhas de exames de pele e de informação são importantes, até para o autorreconhecimento”, disse o especialista, que sinalizou, entre avanços, o novo tipo de testagem que deve, ainda este ano, ser implantado pelo Ministério da Saúde.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades **Página:** 3